

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, n. 2, v. 3, 2021

## **DINÂMICA DE FRONTEIRA NO BRASIL, PERU E BOLÍVIA: MIGRAÇÕES, CRISES E TRANSFORMAÇÕES**

### ***BORDER DYNAMICS IN BRAZIL, PERU AND BOLIVIA: MIGRATIONS, CRISES AND TRANSFORMATIONS***

**Líbia Luiza dos Santos de Almeida<sup>1</sup>, Alcilene Oliveira Alves<sup>2</sup>,**

libia.almeida@gmail.com, alcilene.alves@ifac.edu.br,  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre - IFAC

Artigo submetido em 05/2021 e aceito em 08/2021

#### **Resumo**

Este estudo localiza-se na Amazônia Ocidental, mais especificamente na fronteira entre Brasil, Peru e Bolívia. A tríplice fronteira se constitui em um espaço onde as identidades se modificam, motivadas invariavelmente por conflitos de interesses. A fronteira abriga diversas identidades que estão relacionadas aos diferentes modos de vida, os povos indígenas convivem com a tradição; as comunidades ribeirinhas e campestres dos três países partilham aspectos culturais distintos e similares; a população da cidade, transita culturalmente entre os universos rural e urbano; por fim, figuram os imigrantes. Estes últimos vivem realmente a experiência da interculturalidade. Os aspectos recortados pelo estudo focam nos processos políticos, econômicos, sociais e culturais refletidos no fluxo migratório, demonstrados pelos contingentes humanos procedentes de países da América Latina, com destaque para o Haiti. Fluxos estes induzidos pela busca emergencial da sobrevivência. As fontes de pesquisas utilizadas neste estudo foram predominantemente secundárias, especialmente em virtude dos acontecimentos serem recentes, da mobilidade de imigrantes na Ponte da Integração, face ao fechamento da fronteira internacional, decorrente do agravamento da pandemia da Covid-19. A leitura incluiu temáticas relacionadas a fronteira, a identidades em movimento e a processos interculturais. Ressaltamos que a migração não é um encargo exclusivamente local, mas sim, parte de uma crise mundial, resultante das disputas de poder. Assim, compreender esse recorte exige análise da complexidade que envolve as relações socioculturais e político-econômicas, considerando suas transformações e permanências no processo de expansão da globalização.

**Palavras-chave:** Fronteira; Globalização; Identidade; Migração.

---

<sup>1</sup> Estudante de Tecnologia em Processos Escolares no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre - IFAC, também vinculada do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica no âmbito do projeto "Populações tradicionais: saberes, biodiversidade e identidade de ribeirinhos na fronteira trinacional (Bolívia, Brasil e Peru)."

<sup>2</sup> Professora de História no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre - IFAC, atual Coordenadora do curso de graduação de Tecnologia em Processos Escolares. Graduada em História, Mestre em Desenvolvimento Regional e Doutora em Ensino de Biociências e Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz.

**Abstract**

This study is located in the Western Amazon, more specifically on the border between Brazil, Peru and Bolivia. The triple border constitutes a space where identities change, invariably motivated by conflicts of interest. The border houses several identities that are related to different ways of life, indigenous peoples live in their traditional life style; the riverine and peasant communities of the three countries share distinct and similar cultural aspects; the population of the city, culturally transits between the rural and urban universes; finally, figure the immigrants. The last ones really live the experience of interculturality. The aspects highlighted by the study focus on the political, economic, social and cultural processes reflected in the migratory flow, demonstrated by human contingents from Latin American countries, especially Haiti. These flows are induced by the emergency search for survival. The research sources used in this study were predominantly secondary, especially because of recent events, the mobility of immigrants on the Integration Bridge, in view of the closing of the international border, resulting from the worsening of the Covid-19 pandemic. The reading included themes related to the border, moving identities and intercultural processes. We emphasize that migration is not an exclusively local burden, but rather part of a global crisis resulting from power struggles. Thus, understanding this cut requires analysis of the complexity that involves sociocultural and political-economic relations, considering their transformations and permanencies in the expansion process of globalization.

**Keywords:** Border; Globalization; Identity; Migration.

**1 INTRODUÇÃO**

Este artigo é parte do projeto de pesquisa “Populações tradicionais: saberes, biodiversidade e identidade de ribeirinhos na fronteira trinacional (Bolívia, Brasil e Peru)”, vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC, no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre - IFAC.

O estudo se propõe a discutir com as comunidades ribeirinhas que vivem no município de Assis Brasil, estado do Acre, objetivando compreender as ressignificações provocadas pelas intervenções antrópicas no meio ambiente. No entanto, o crescimento de casos da pandemia da Covid-19 exigiu um redirecionamento no enfoque, na metodologia, bem como ajuste no cronograma de trabalho, que previa inicialmente visita no local e entrevistas com populações indígenas, ribeirinhas e extrativistas.

Nesse sentido, a discussão passou a fazer um recorte direcionando para a questão da imigração internacional, sobretudo face aos recentes

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, n. 2, v. 3, 2021

acontecimentos de sítio de centenas de estrangeiros, de maioria haitiana na Ponte da Integração, que buscavam retornar para seus países de origem, impedidos temporariamente, devido as medidas de segurança sanitária impostas pelo Peru, que por sua vez bloqueou a entrada e o trânsito de pessoas advindas do Brasil, considerado a época epicentro da pandemia na América Latina.

Na ocasião, estes estrangeiros não encontraram no Acre condições de permanência, visto que o estado vivenciava uma crise de saúde pública, com aumento de casos da Covid-19, alagamentos e surto de dengue. Ressalte-se que nas últimas décadas, o Acre tem sido porta de entrada para imigrantes ilegais pela fronteira trinacional.

A fronteira do Acre como rota de imigrantes há tempos tem sido estudada, motivada pela preocupação com essas populações, bem como os impactos provocados pelos deslocamentos, de modo que o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, em 2012 elegeu como tema “a imigração no século XXI”, devido a sua relevância como diáspora no mundo atual.

Esse contexto fronteiriço é uma fresta para observarmos as fronteiras em movimento, que indicam um redesenho de pautas e de interesses, envolvendo processos políticos, econômicos, sociais e culturais, possibilitando novas lógicas e intercambiando saberes até moedas.

Desse modo, podemos discutir a fronteira da Bolívia, do Peru e do Brasil, como exemplo de dinâmica sociocultural e econômica. Relacionando espaços, modos de produção e saberes em uma constante reconfiguração.

## 2 METODOLOGIA

O estudo qualitativo baseia-se em fontes bibliográficas, como periódicos (artigos de jornais e revistas). O uso de jornais e revistas eletrônicas em pesquisa é pouco problematizado como documento histórico, sendo recente a sua utilização. Essa perspectiva foi problematizada e difundida pela Escola dos Annales no campo da História, assim permitindo novas abordagens.

No entanto, esse percurso metodológico exige rigor, visto que de acordo com Leite (2015, p.9) estes também representam “Debates e posições políticas, ideológicas, econômicas, lutas sociais, costumes, práticas e grupos sociais, eventos culturais, podem ser localizados nos diversos espaços que compõem os

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, n. 2, v. 3, 2021

periódicos”. Todavia, compreende-se a inexistência de neutralidade nas fontes históricas, sendo necessário manter diálogo com outras fontes e referências.

Ao utilizar o periódico como referência, estruturou-se as seguintes etapas: inicialmente identificamos os periódicos por palavras-chaves relacionadas a temática, como: fronteira, imigração, unidades de conservação, Haiti, indígenas, entre outros termos afins.

A dimensão teórica foi construída através da leitura de autores que abordam as discussões sobre as transformações impostas pela globalização e modernização trazida pelo contexto da pós-modernidade. Outra abordagem utiliza o conceito de identidades e imigração, bem como processos de manutenção e modificação das culturas.

**Figura 1:** Protesto e repressão na tríplice fronteira



Fonte: Fábio Pontes. Disponível em <https://amazoniareal.com.br/caos-na-pandemia-haitianos-desistem-do-brasil/?fbclid=IwAR2xaS5Hzf1DCrTjLPA5jpwqVarK9N3w2S3PqBpHM4y2MNjEMzdi8PrYKhE/>

**Figura 2:** Repressão policial a mulheres e crianças



Fonte: Paolo Peña. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-02-20/fugindo-da-pandemia-no-brasil-haitianos-sao-reprimidos-na-fronteira-com-o-peru.html>

**Figura 3:** Embarque de imigrantes no aeroporto em Rio Branco

Fonte: Fábio Pontes. Disponível em <https://amazoniareal.com.br/imigrantes-deixam-ponte-que-liga-brasil-e-peru/>

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 3.1. Transformações na fronteira

Ao discutir a reconfiguração desses espaços que são ao mesmo tempo novos e antigos, observa-se que inicialmente a formação por povos indígenas, transforma-se com a chegada de brasileiros e peruanos na instalação da economia extrativista baseada na exploração de seringa, pelo lado brasileiro e caucho, pelo lado peruano. Os atores se modificam, porém, a dinâmica de fluxo na fronteira é recorrente.

A delimitação geopolítica não existia para os povos indígenas, o território não era, ao menos não na forma convencional, uma fronteira nacional. José Pimenta (2002, p. 221), na sua tese ilustra esse debate com a fala da liderança indígena Moisés Piyãko, “Na verdade, não foi nós que viemos até o Brasil. Foi o Brasil que veio até onde nós estava”. Observando, a dinâmica muitas vezes compulsória ou alheia aos povos originários.

No contexto do extrativismo no século XIX, a maioria dos imigrantes eram de origem nordestina, que atuaram na economia extrativista dos seringais. Onde o sistema produtivo foi beneficiado pela fuga da seca e pelo incentivo do governo brasileiro, para produção do látex amazônico que abasteceu a indústria mundial.

Já no século XX, a partir da década de 1960, este espaço socioeconômico foi paulatinamente transformado em pastos para criação de gado, com a política integracionista do estado brasileiro durante a ditadura militar. Desta vez, estimulada pela crise extrativista, que incentivou a vinda de novos migrantes

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, n. 2, v. 3, 2021

para região, agora oriundos do sudeste brasileiro. Estes entraram em conflitos com indígenas e não-indígenas, pelo domínio dos territórios, obrigando famílias inteiras se deslocarem para as cidades ou mesmo adentrar nos seringais na Bolívia. Aos indígenas coube etnocídios e genocídios, com perseguição, exploração e matança, reduzindo-os e os transformando em cativos.

No final do século, já na década de 1980, um novo arranjo ocorre, depois de muitas famílias serem expropriadas de suas terras e sofrerem violências, como reação os extrativistas enfrentaram o desmatamento imposto pelos pecuaristas, a ponto de gerar protestos, conhecidos como Empates – foram manifestações políticas, onde os extrativistas que protegiam as árvores com seus corpos, formando correntes humanas para evitar a derrubada da floresta. Esses confrontos resultaram nos assassinatos dos líderes seringueiros, Wilson de Souza Pinheiro, em 1980; e, Chico Mendes, em 1988, vinculados respectivamente aos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Brasília e de Xapuri.

Diante dos acontecimentos, muitas denúncias de abusos exigiu a intervenção do Estado, não sem pressão de organismos internacionais. Este contexto mobilizou a criação das Reservas Extrativistas do Juruá e Chico Mendes, esta última, localizada no Alto Acre, região da fronteira trinacional.

Contudo, apesar da existência das reservas extrativistas segue um aumento do desmatamento, tanto do lado brasileiro, quanto peruano e boliviano, pela exploração madeireira, também pela ampliação das áreas urbanas, transformando a paisagem de pastos em pequenas cidades amazônicas, que se formam ao longo do curso dos rios, habitados por ribeirinhos e indígenas.

As singularidades dos países fronteiriços nestes últimos anos possibilitaram a realização de encontros para discutir perspectivas para a região, visto que possuem questões comuns. Essa discussão foi tratada nos fóruns anuais intitulados Iniciativa da Região Madre de Díos, Acre e Pando – MAP, iniciado nos 2000 que envolveu governos, sociedade civil, povos originários e universidades do estado do Acre/Brasil e dos departamentos de Madre Díos/Peru e Pando/Bolívia. Abordando similaridades identitárias, desafios econômicos e problemas ambientais, visando identificar as potencialidades e as dificuldades para a tríplice fronteira, com a realização de pesquisas científicas, a valorização dos saberes locais, a indicação de políticas públicas, e ainda, a

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, n. 2, v. 3, 2021

proposição de ações estratégicas para desenvolvimento e o fortalecimento político, econômico e social na região.

Observa-se a dinâmica de identidades complexas nessa região, ou seja, identidades que se elaboram sem linearidade, diante de aspectos que envolvem a territorialidade e a dinâmica macroeconômica. Essa dinâmica cultural também foi abordada pelo antropólogo acreano Terri Valle de Aquino (1982), afirmando que as identidades e os espaços são engendrados pela economia, que outrora transformou o 'seringueiro caboclo em peão acreano'.

Apesar do contexto o qual Aquino se referir ser a década de 1970, esse processo de transformação do extrativismo em agropecuária possui uma expansão contínua. Mesmo com a implantação das reservas extrativistas, hoje registra-se aumento significativo da pecuária dentro e no entorno da Reserva Extrativista da Chico Mendes. A expansão do agronegócio, é fortalecido com exploração madeireira tanto certificada, como extraída ilegalmente.

A política ambígua do estado nas últimas décadas apoiou a exploração de madeira certificada, também a produção e a comercialização de produtos extrativistas (castanha, látex e demais produtos regionais). Contudo, a agropecuária por possuir maior apelo comercial, conseqüentemente mais articuladores, tornando-se vitrine do governo dentro e fora do estado. Esta expansão do agronegócio contribuiu diretamente para expulsão do homem do campo e da floresta, aumentando a concentração de terras para fins do agronegócio. Essa política defendia de um lado o modelo de sustentabilidade, de outro, impulsionava a agroindústria madeireira e pecuária.

A construção da rodovia transoceânica ligando Iñapari à Lima, ambos no Peru, a criação da Zona de Processamento de Exportação do Acre – ZPE e mais recente a construção da Ponte do Abunã na confluência dos rios Madeira e Abunã no estado de Rondônia fortalecem a política expansionista em detrimento das populações tradicionais, que impacta especialmente a vida dos povos em isolamento voluntário ou recente contato – termo cunhado por especialistas para identificar grupos indígenas que vivem na floresta amazônica, que habitam sazonalmente na faixa de fronteira entre Brasil, Peru e Bolívia.

O Brasil e o Peru tratam essa faixa de fronteira com políticas divergentes, enquanto o Brasil busca criar um 'corredor verde' com implantação de Unidades de Conservação, composto por reservas extrativistas, estações ecológicas,

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, n. 2, v. 3, 2021

parque nacional e terras indígenas; o outro país, concede a empresas extensas áreas para exploração madeireira. Atualmente essa tríplice fronteira abriga a crise migratória de estrangeiros, de predominância haitiana, e mais recentemente, venezuelana, que fugindo dos desdobramentos das políticas-econômicas imperialistas chegam e partem na fronteira trinacional.

### **3.2. Identidades coletivas e conflitos**

Na tríplice fronteira entre Assis Brasil (Brasil), Iñapari (Peru) e San Pedro de Bolpebra (Bolívia), onde tradicionalmente vivem ribeirinhos, indígenas e seringueiros, nos últimos dias foi palco de conflitos. Mas especificamente, na Ponte Internacional da Integração onde centenas de imigrantes provenientes do Haiti, Senegal, Índia e Venezuela ficaram sitiados por dias, de acordo com o Jaqueline Fowks (2021). Estes vivenciaram violência e fome além, de muitas incertezas, diante do fechamento da fronteira do Peru desde março passado. No caso da fronteira do Brasil, também fechada pelo Decreto nº 8.029, de 16 de fevereiro de 2021, que “institui, temporariamente, Gabinete de Crise no Estado do Acre, em decorrência da Pandemia do Novo Coronavírus (Covid-19), da epidemia de Dengue e das inundações nos municípios de Rio Branco, Sena Madureira, Tarauacá, Cruzeiro do Sul, Rodrigues Alves, Santa Rosa do Purus, Jordão e Porto Walter”, conforme publicação no Diário Oficial do Estado do Acre. Esta situação emergencial de colapso da rede pública e privada de saúde decorrente do aumento do contágio de Covid-19, surto de Dengue, além da alagação em dez municípios acreanos pelas cheias dos rios disparou medidas mais enérgicas.

O agravamento da crise sanitária alavancou a crise migratória na fronteira, pois os imigrantes fugindo da pandemia e das endemias, além da dificuldade econômica no Brasil, buscando se refugiar no Equador, México e Estados Unidos, ou mesmo retornar aos seus países de origem, se dirigiram a cidade de Iñapari, conforme Amanda Péchy de (2021). Entretanto, o governo peruano bloqueou o trânsito de estrangeiros com forte repressão policial retirando os que já haviam atravessado a fronteira, ferindo-os, inclusive mulheres e crianças. Esta violação dos direitos humanos foi denunciada pela imprensa, que exigiu dos



Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, n. 2, v. 3, 2021

governos responsabilidade de evitar novos episódios de truculência, e ainda, identificar solução, como plano de remoção e reassentamento dos imigrantes.

Existe o princípio do *non refoulement*, segundo o qual, um país não pode devolver um refugiado ou solicitante de refúgio para os territórios em que sua vida ou liberdade, bem como seus demais direitos fundamentais, estejam sob a ameaça de violação por questões étnico-raciais, religiosas, até de nacionalidade, pertencimento social ou opinião política, alerta Medeiros (2014).

A Prefeitura de Assis Brasil juntamente com o Governo do Estado do Acre mobilizou esforços para garantir a segurança pública com monitoramento contínuo pelo Grupo Especial de Fronteira, apoiado pela Polícia Federal, Exército Brasileiro e Força Nacional, conforme Correio Brasiliense (2021). Assim, após impasse de aproximadamente três dias, o governo estadual disponibilizou abrigos nas escolas Iris Célia Cabanellas e Edilsa Maria Batista, também alimentação, água e atendimento médico para centenas de imigrantes. Há relatos que cerca de cinquenta imigrantes ainda permanecem na ponte e aproximadamente cem encontram-se em situação de rua no lado brasileiro, de acordo com o Rubens Valente (2021). A situação tende piorar, considerando que está prevista a chegada de novos grupos de imigrantes vindos de São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e outros estados. Fábio Pontes (2021), informou que a rota inverteu, são quase quatrocentas pessoas no movimento de retorno, pois a vida se tornou difícil no lado brasileiro, “se antes o Acre era a porta de entrada, agora virou a de saída.”

No Brasil, a Agência Geral da União determinou com base em Notas Técnicas dos ministérios Casa Civil, Justiça, Saúde, Economia, Infraestrutura, Relações Exteriores, Cidadania e Mulher, Família e Direitos Humanos, que seja utilizada a força policial para reintegração da ponte e responsabilização dos líderes da interdição, como relata Jacqueline Fowks (2021). Medida contestada pelo Ministério Público da União e Defensoria Pública da União que se manifestaram contrários, exigindo adoção de política diplomática e humanitária para solucionar o referido impasse. E no Peru, sem cerimônia os policiais peruanos permanecem perfilados de prontidão, faça chuva ou sol para impedir nova incursão dos imigrantes, como noticiado por Fábio Pontes (2021).

Essas correntes migratórias são resultantes do contexto mundial de concentração de riquezas, que têm potencializado emigração de pessoas de

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, n. 2, v. 3, 2021

diversas nacionalidades, fugindo da opressão política, de conflitos armados, de desastres naturais, da pobreza extrema e de políticas públicas insuficientes. Contudo essas pessoas estendem suas mazelas sociais, pois em sua maioria mantêm condições de vulnerabilidade, começando com a exploração pelos coites – agentes que conduzem os imigrantes em entradas ilegais em países mediante pagamento – também a desvalorização de sua mão-de-obra nos setores da agricultura e de serviços, além da xenofobia e racismo, ora desvelado, ora dissimulado, sofrido nos países por onde se percorrem. De acordo com Oliveira (2006), que acredita que:

Também nesse contexto se originam os deslocamentos compulsórios, que eminentemente são de trabalhadores, ora expropriados de suas terras, de seus postos de trabalho e emprego, ora pressionados pela falta de oportunidades etc., que se vêem obrigados a migrar em busca de alternativas de sobrevivência (OLIVEIRA, 2006).

Essa situação de racismo e xenofobia ilustra aspectos culturais e políticos para além da América Latina, tanto que as diretrizes preconizadas pela Organização das Nações Unidas e demais organismos, assinalam para à adoção de políticas internacionais que promovam acolhimento humanitário, justificando que o ingresso de imigrantes não impedirá o crescimento econômico, e mais especificamente, não implicará em risco aos empregos dos habitantes locais.

Segundo Gillian Triggs, assistente para o alto-comissariado de proteção da Agência das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) em entrevista a Amanda Péchy (2021), apontou o fato no qual a saúde pública virou um “pretexto” para impedir a entrada de refugiados, semelhante ao caso da Ponte Internacional da Integração.

A América Latina tem se destacado como um dos maiores palcos de emigração rumo à América do Norte, à Europa e à Ásia nas últimas décadas. O debate dessa temática tem ganhado espaço nas discussões de ordem institucional e nas instâncias não-governamentais. No entanto, muito pouco tem sido feito para a operacionalização de políticas migratórias que contemplem tanto o fluxo de emigração internacional quanto o movimento das migrações internas. Um outro movimento

migratório observado na América Latina é a migração entre os países de fronteira. Nos relatórios oficiais, esse dado nem sempre é considerado com a merecida relevância (OLIVEIRA, 2006).

Há cerca de dez anos os fluxos migratórios têm se intensificado, passando pelo estado do Acre, possivelmente pela localização geográfica e pela então prosperidade econômica brasileira e ampliação de direitos vivida no país nos anos 2000, que permitia visionar alternativas mesmo que transitórias, para viver algum período e posteriormente conseguir autorização legal e dinheiro para seguir a um destino mais definitivo. E assim quando estabelecidos, os imigrantes pudessem buscar familiares para recomeçar a vida. Fazendo de outras nações seus lares, ressignificando valores simbólicos, como identidade e espaço. No caso dos imigrantes haitianos que são a maioria, ainda têm as questões históricas de desigualdade e conflitos sociais, apesar do pioneirismo do Haiti.

O Haiti é pioneiro na colonização americana e mantém-se fiel a esse pioneirismo, tanto, na heroica, inédita e jamais repetida revolução protagonizada pelas vítimas da escravidão no processo de colonização da América que fundaram a única república governada por negros ex-escravos trazidos da África, quanto, agora, na criação de um fato que põe em discussão a urgência das mudanças nas leis que regem o refúgio no Brasil e no mundo, levando-se a sério o conceito e a regulamentação do deslocado ambiental (MEDEIROS, 2014, p.2).

Todavia, a situação do Haiti passa por inúmeros problemas, como conflitos políticos com intervenção dos Estados Unidos, terremotos que ajudaram a piorar a já combalida economia agrícola, causando fome e doenças, até crescente do narcotráfico e violência, entre outros processos resultaram em ondas migratórias. Na época, o Brasil enviou Missão de Paz capitaneada pelas forças armadas brasileiras para conter a violência, além de oferecer comidas e medicamentos.

### **3.3. A relação entre cultura e desenvolvimento regional em ambiente globalizado**

A entrada destes imigrantes pela tríplice fronteira contribuiu para o aumento das riquezas no país, de acordo com Medeiros (2014), que estudou os dados da Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos, no período de

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, n. 2, v. 3, 2021

dezembro de 2010 a agosto de 2014, qual verificou-se que passaram pelo Acre 25.379 imigrantes. Sendo que o fluxo se intensificou em 2013, com a incrível marca de 10.779, inclusive com imigrantes de outras nacionalidades. Ressaltando que 93% deste contingente foi de haitianos. O estudo ainda aponta para o crescimento do PIB em 17%, decorrente da chegada dos haitianos no Brasil.

Esse resultado apontado por Medeiros et al. (2014), coaduna com o debate do aumento da exploração de mão-de-obra ressaltado por Mamed e Lima (2015) ao analisar as reformas econômicas neoliberais em curso nos países da periferia capitalista, considerando que estes restauraram padrões coloniais de exploração.

No contexto da mundialização do capital, notadamente após a eclosão da crise mundial de 2007-2008, inaugurou, ainda, novas modalidades de mobilidade do capital e da força de trabalho em diferentes partes do mundo. Tendo em vista o direcionamento da política humanitária de reconstrução do Haiti, que vem priorizando os interesses do capital industrial e financeiro, em detrimento das necessidades elementares da população local, a situação crítica no país impulsionou o crescente número de pessoas que se deslocam em direção ao Brasil, atraídos pelo “canto de sereia” das promessas de abertura de vagas de emprego nas obras da Copa do Mundo, Olimpíadas e no agronegócio de modo geral. (MAMED; LIMA, 2015, p.54).

Segundo Santos (1997), a globalização é um processo de influência local sobre o global, designada por determinada condição ou entidade local, na maioria das vezes compulsoriamente. Ratificado por Silveira (2016), em perspectiva marxista diz que a análise de forma profunda e rigorosa do processo de desenvolvimento capitalista, reconhece e explicita o grande potencial de promover a concentração de riquezas e ainda identifica leis e tendências gerais de comportamento dos sujeitos econômicos em seu contexto.

Essas dinâmicas migratórias também possibilitam modificações culturais, de acordo de Ríó e Cardía (2009), com base em análises referenciadas nos textos Durkheim e Mauss, o espaço está associado à organização social do grupo e, portanto, indissociavelmente vinculado à identidade. A ocupação do espaço estabelece a supressão das velhas fronteiras sociais e a criação de

outras novas conjunturas, em um movimento em que as formas de organização social se projetam sobre o meio e os limites vão se modificando.

São as pessoas e grupos reconhecidos como membros da comunidade as que têm um acesso preferencial ao território. A idéia de comunidade articula pertencas e direitos, em função de um modelo de identificação que, ao mesmo tempo em que unifica a diversidade em relação aos outros, estabelece hierarquias internas de acordo com um modelo ideal de um *nós* (Valcuende; Narotsky, 2007), que tem diversos níveis que podem ou não ser excludentes: locais (Devillard, 1988), étnicos (Barth, 1976), nacionais (Anderson, 1991). Em todo caso, a comunidade necessita de uma memória a partir da qual poderá recriar a tradição (Connerton, 1989), e de um limite, que tanto une como separa (RIO; CARDÍA, 2009).

Outra perspectiva, é trazida por Shaffer (1999) que aponta o deslocamento da diversidade cultural para a diferença cultural, produzindo novo entendimento sobre a contemporaneidade, introduzindo assim conceitos de criação de espaços deslizantes, de tempo plural, do sujeito de cultura híbrida, definido como o “Outro” – agente da imagem/contra-imagem. Essa ambivalência se elabora na representação social que está atenta à estrutura da subjetividade e da sociabilidade, da possibilidade e da impossibilidade da identidade.

Nesse sentido, busca identificar nas migrações como fatores em que grupos e culturas são obrigados a se organizarem em outras regiões que em nada tem a ver com suas identidades originárias, porém diante dos compulsórios descolamentos em massa exige adaptações e transformações em seus modos de viver e perceber o mundo. No entanto, a inserção em outras culturas desses migrantes ocorre de forma subalternizada e inferiorizada.

#### 4 CONCLUSÕES

Notadamente, a política econômica mundial impacta diretamente a vida, o destino e a cultura de grupos que compelidamente migram na ânsia de sobreviver e oferecer suporte financeiro aos familiares e, até mesmo, inspirar aos seus que ficaram em terras devastadas ambientalmente, pilhadas economicamente, oprimidas politicamente e sujeitadas culturalmente.

Esses sujeitos fugindo de suas agruras, se depararam com outras tantas adversidades, como rejeição e exploração. Estas são algumas das faces com

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, n. 2, v. 3, 2021

as quais os imigrantes se deparam. A perspectiva colonialista perpetua-se, se remodelando, todavia, preservando as formas perversas de exploração humana. Os imigrantes em sua maioria são expropriados de suas próprias terras, tendo que desenvolver habilidades para dialogar com outras populações, paisagens, línguas e demais valores culturais.

Fato é que, a política internacional de imigração carece de humanidade, e igualmente a sociedade necessita ampliar a cultura da solidariedade, especialmente no que se refere aos países desenvolvidos, que são responsáveis pela concentração de riquezas, por consequência de exploração dos países subdesenvolvidos, com a conveniência dos países emergentes. Assim não há como se eximir de responsabilidades sociais com a crise migratória mundial, mesmo que aparentemente se considere um problema alheio.

Como exposto anteriormente, a migração não é uma realidade exclusividade local, mas sim um óbice mundial, que poderá resultar em desdobramentos tantos, que poderá redesenhar o planeta.

## REFERÊNCIAS

ACRE. Governo do Estado do Acre. **Diário Oficial do Estado**. Ano LVI, Nº 12.982.

AQUINO, Terri Valle de. **Índios Caxianuá: de seringueiro caboclo a peão acreano**. Dissertação. Brasília: UnB, 1982. 185 p.

CORREIO BRASILIENSE. **Barrados no Acre, 450 imigrantes acampam em ponte que liga Brasil e Peru**. Disponível em <<https://www.correiobrasiliense.com.br/brasil/2021/02/4907221-barrados-no-acre-450-imigrantes-acampam-em-ponte-que-liga-brasil-e-peru.html>> acesso em 24 de fevereiro de 2021.

FOWKS, Jacqueline. **Fugindo da pandemia no Brasil, haitianos são reprimidos na fronteira com o Peru**. Disponível em <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-02-20/fugindo-da-pandemia-no-brasil-haitianos-sao-reprimidos-na-fronteira-com-o-peru.html>> acesso em 24 de fevereiro de 2021

LEITE, Carlos Henrique Ferreira. **Teoria, Metodologia e Possibilidades: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica**. Escritas. n. 1, v. 7, 2015.

MEDEIROS, Elineide; CRUZ NETO, Reinaldo V. e SABINO, Francisca V. **Imigração haitiana pela rota do Acre**. Acre: 2014. 11 p.

Revista Conexão na Amazônia, ISSN 2763-7921, n. 2, v. 3, 2021

MAMED, Letícia H; LIMA, Eurenice O. **Trabalho, precarização e migração: recrutamento de haitianos na Amazônia pela agroindústria brasileira.**

Acre: Novos Cadernos NAEA, 2015. P. 33-64.

OLIVEIRA, Márcia Maria de. **A mobilidade humana na tríplice fronteira: Peru, Brasil e Colômbia.** Estud. av. v. 20, n. 57. São Paulo. 2006.

PAULA, Helder A. **Entre desastres e transgressões. A chegada dos imigrantes haitianos no “Reino deste mundo amazônico”.** Acre: Novos Cadernos NAEA, 2013. P. 187-206.

PÉCHY, Amanda. **Covid, haitianos, Exército: o que está acontecendo na fronteira com o Peru.** Disponível em <<https://veja.abril.com.br/mundo/covid-haitianos-exercito-o-que-esta-acontecendo-na-fronteira-com-o-peru>>, acesso dia 24 de abril de 2021.

PIMENTA, José A.V. **“Índio não é tudo igual”**: a construção Ashaninka da história e da organização política interétnica. 2002. 444p. Tese (Doutorado em antropologia) – Departamento de Antropologia – Universidade de Brasília, Brasília/DF.

PONTES, Fábio. **Caos na Pandemia: haitianos desistem do Brasil.** Disponível em <<https://amazoniareal.com.br/caos-na-pandemia-haitianos-desistem-do-brasil/?fbclid=IwAR2xaS5Hzf1DCrTjLPA5jpwqVarK9N3w2S3PqBpHM4y2MNjEMzdi8PrYKhE>> acesso em 05 de março de 2021.

RÍO, José Maria Valcuende Del e CARDIA, Laís M. **Etnografia das fronteiras políticas e sociais na Amazônia Ocidental: Brasil, Peru e Bolívia.** Scripta Nova. Vol. XIII, núm. 292, 1 de junho de 2009. Disponível em <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-292.htm>> acessado em 24 de fevereiro de 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Uma concepção multicultural de direitos humanos.** Lua Nova: 1997. P. 105-124.

SHAFFER, Margareth. **Entre lugares da cultura: diversidade ou diferença?** Educação & Realidade: 1999.

SILVEIRA, Daniel Claudy da. **Sociedade e cultura: do determinismo econômico ao desenvolvimento regional.** Santa Catarina: Revista Espaço Acadêmico, 2016.

VALENTE. Rubens. **Governo mobiliza 8 ministérios para desfazer protesto de imigrantes no Acre.** Disponível em <[https://noticias.uol.com.br/colunas/rubens-valente/2021/02/27/fronteira-acre-crise-ponte-integracao-governo-bolsonaro.htm?fbclid=IwAR0Pbour8pwHeBZ1vfn2u2hC3gDUTZ3Yx-tkr6hYY8J\\_u-OdabVCLplwnMQ](https://noticias.uol.com.br/colunas/rubens-valente/2021/02/27/fronteira-acre-crise-ponte-integracao-governo-bolsonaro.htm?fbclid=IwAR0Pbour8pwHeBZ1vfn2u2hC3gDUTZ3Yx-tkr6hYY8J_u-OdabVCLplwnMQ)> acesso em 27 de fevereiro de 2021